

Chagas confessou ter morto Evo Fernandes

Expresso
17/12/88 [?]

■ Ordem para matar foi dada pela polícia moçambicana

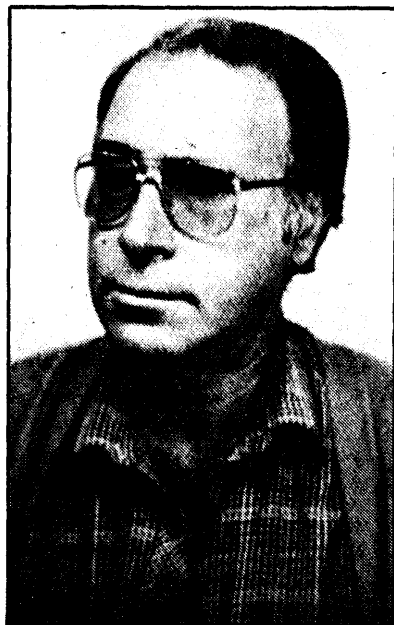
ALEXANDRE Xavier Chagas, o principal suspeito de envolvimento no assassinio de Evo Fernandes, terá já confessado às autoridades ter disparado os tiros que liquidaram o ex-secretário-geral da Renamo, sabendo-se, por outro lado, que actuou à ordem do Serviço Nacional de Segurança Popular (SNASP), designação por que é conhecida a polícia política moçambicana — soube o EXPRESSO junto de fontes conhecedoras das investigações em curso.

De acordo com os factos já apurados, ao ser encarregado da missão, Chagas recebeu “luz verde” da SNASP para contratar livremente os seus auxiliares, desde que garantisse

o êxito da operação. É, pois, de sua inteira responsabilidade o envolvimento no caso de Joaquim da Conceição Messias e de Manuel Jorge Pinto da Costa, que se encontram também detidos.

Munido de passaporte português, emitido pelo Governo Civil de Setúbal, Xavier Chagas — acompanhado de sua filha, Maria Fernanda — instalou-se em Portugal, num hotel da Costa de Caparica, fazendo-se passar por técnico de hidráulica. Na noite de 17 de Abril de 1988, o presumível assassino jantou com a vítima, no Restaurante Beira-Mar, em Cascais.

Segundo os elementos agora re-



Alexandre Chagas: assassinio logo a seguir ao jantar

colhidos pelo EXPRESSO, Chagas baleou Evo Fernandes, com seis projectéis, logo após terem abandonado o restaurante e não muito longe desse local. O crime terá ocorrido no interior do Citroen “boca-de-sapo” que Chagas adquirira em segunda mão poucos dias antes, exclusivamente para a operação. Com Messias servindo de motorista, os dois cúmplices dirigiram-se de imediato para o Guincho, abandonando o cadáver no campo, perto da povoação de Malveira da Serra, onde veio a ser descoberto acidentalmente quatro dias depois.

(Continua na última página)

(Continuação da 1.ª página)

Recorde-se que, inicialmente — e com base no relatório da autópsia —, as autoridades pensavam que Evo estivera raptado durante três dias, vindo a ser morto apenas na véspera da descoberta do seu corpo. Contudo, o médico legista, depois de confrontado com as investigações da PJ, que apontavam para a execução do crime mais cedo, viria a corrigir as suas conclusões e a admitir como possível a ocorrência da

morte no dia em que Evo juntou com Chagas.

Uma deficiência na execução do plano (atribuída, por uma das fontes, a métodos de actuação rudimentares, típicos dos serviços secretos dos países do Terceiro Mundo, mas impensáveis em polícias mais evoluídas) terá fornecido a pista que levou a polícia portuguesa a detectar os presumíveis autores do crime, escassos dias depois de ter sido perpetrado.

Denunciados à Interpol pela Direcção-Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da PJ — apoiada pela DINFO (serviços secretos militares) — os três suspeitos acabaram por ser detidos: Xavier Chagas e Joaquim Messias em Casablanca, a 29 de Abril, e Pinto da Costa em Poissy, arredores de Paris, no dia seguinte. O envolvimento deste último no atentado caracterizar-se-ia apenas pela execução de tarefas de apoio logístico.

Por outro lado, também as embaixadas de Moçambique em Lisboa e em Paris terão fornecido colaboração aos assassinos, facilitando a sua movimentação e fuga.

Extraditados posteriormente e colocados sob a alçada da DCCB, os três homens têm vindo a ser interrogados nos últimos meses, terminando o prazo para a sua prisão preventiva em Fevereiro, altura em que se pensa que a instrução preparatória do respectivo processo judicial estará concluída.

De acordo com as fontes consultadas pelo EXPRESSO, o julgamento deverá iniciar-se pouco antes das férias judiciais do próximo Verão.